

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica
GRUPO DE PESQUISA: Produção Laboratorial – Impressos

O perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande: ensino e mercado de trabalho

Cristina Ramos da Silva Ribeiro¹
cristinaramos@globo.com

Resumo

Esta comunicação científica identifica o perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande formado por quatro jornais-laboratórios: Projétil, Unifolha, Folha Guaicuru e Em Foco. São apresentados resultados obtidos após a análise de conteúdo de 199 unidades de informação publicadas de março a julho de 2010, com base na taxonomia de José Marques de Melo que classifica o jornalismo brasileiro em cinco gêneros jornalísticos. Os estudantes de jornalismo pesquisados exercitam todos os gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário, no entanto, mais da metade do texto produzido tem o propósito de informar por meio do formato reportagem. A quantificação possibilitou concluir que existe uma disparidade entre os textos mais praticados pelos estudantes de jornalismo nos jornais-laboratórios impressos em relação aos exercitados pelos profissionais no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Jornal-laboratório. Gêneros jornalísticos. Ensino. Jornalismo

¹ Mestre em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2012) orientada pelo Prof. Dr. Gerson Luiz Martins. Jornalista formada pela (UFMS) em 1997 e especialista em Teorias e Práticas Contemporâneas do Jornalismo pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp/2006). Atua como professora no curso de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) em Campo Grande.

INTRODUÇÃO

Há duas décadas, instituições universitárias de ensino formam jornalistas em Campo Grande. Segundo Oliveira *et al.* (2006), o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) foi o pioneiro do Estado, com a primeira turma ingressando em 1989. Nove anos depois, a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e a então Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp) também passaram a oferecer aos estudantes o curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo. Em 2001, a Faculdade Estácio de Sá compôs o quadro das Instituições de Ensino Superior da Capital de Mato Grosso do Sul a formar profissionais, que por meio dos jornais-laboratórios e utilizando os gêneros jornalísticos, são intermediários entre os fatos e a população. Em estudo diagnóstico, que entrevistou 106 jornalistas atuantes nas redações dos veículos de comunicação da Capital, Oliveira *et al.* revelaram a importância do ensino universitário de Campo Grande para o mercado de trabalho local.

Uma de nossas descobertas foi que o mercado de trabalho está absorvendo a mão de obra recém saída (sic) das universidades, prova disso são os 64,8% de diplomados nas instituições de Campo Grande. Somando as quatro universidades que oferecem curso de Jornalismo na Capital (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Universidade Católica Dom Bosco e Universidade Estácio de Sá), chegou-se a aproximadamente 818 formandos (Oliveira *et al.*, 2006, p.163).

O jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande faz parte da história educacional de jornalistas na região, pois o primeiro jornal-laboratório da cidade nasceu um ano após o ingresso da primeira turma de jornalismo. Nessas duas décadas milhares de exemplares contendo o texto jornalístico em formação dos estudantes, foram distribuídos à comunidade discursiva². Juntas, ao ano, as IES distribuem gratuitamente

² Em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, acontece um fenômeno genuíno de distribuição dos jornais-laboratórios. Todos os domingos a população da cidade se dirige até a Avenida Afonso Pena, na região central do município para buscar jornais que são distribuídos gratuitamente, entre eles os jornais laboratoriais impressos. Leitores de todas as idades, gêneros, escolaridade e classes financeiras se habituaram a esse ritual dominical. Chegam até o local a pé, de bicicleta, ônibus e carros. A faixa de trânsito da via é destinada e organizada pela Companhia de Trânsito para os carros que reduzem a velocidade em busca dos informativos. Além da entrega na Avenida Afonso Pena, os alunos de jornalismo distribuem os exemplares laboratoriais também nos campi das Instituições Universitárias onde cursam jornalismo.

na Avenida Afonso Pena, região central da cidade, mais de 70 mil exemplares de jornal em formato laboratorial, produzidos por cerca de 120 acadêmicos de jornalismo das quatro universidades.

Explorar a forma como os estudantes de jornalismo se preparam para atuar no mercado de trabalho, especificamente no perfil dos textos que produzem de forma laboratorial, torna-se relevante nos aspectos de que os suportes³ jornal-laboratório impresso e jornal impresso comercial (nos quais estes acadêmicos atuarão) são impactantes na sociedade. Bonini (2006) afirma que os estudos dos gêneros do jornal⁴ (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da comunicação de massa) apresentam uma grande relevância social. As pesquisas desse tipo trazem subsídios para a formação e atuação profissional de jornalistas e professores de línguas, além de contribuir na educação e formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas. Bonini (2006) questiona e ele mesmo responde:

Por que estudar os gêneros do jornal? A resposta a esta questão envolve as razões gerais para as pesquisas que venho desenvolvendo, sendo esta de três ordens. Primeiramente, tomo como horizonte o debate teórico em torno dos gêneros textuais e objetivo contribuir para esse debate (ou seja, produzir contribuições teóricas). Em segundo lugar, procuro contribuir para o entendimento de como o jornal se configura como um mecanismo social e de linguagem. Em terceiro finalmente, busco com essas pesquisas, fornecer subsídios ao ensino de linguagem (BONINI, 2006, p.67).

Os jornais-laboratórios surgiram no formato de agências experimentais após a instituição do decreto 83.284/79 que proibia o estágio profissional para os graduandos em jornalismo e se tornaram ferramenta pedagógica relevante no ensino de jornalismo. Sem poder praticar o texto, ainda como estudantes no mercado de trabalho, é no

³BONINI (2006) explica que suporte tem a ver centralmente com a ideia de um portador do texto, mas não no sentido de um meio de transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um locus no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta.

⁴Bonini usa o termo “gêneros jornalísticos” no plural para indicar o local social de origens desses gêneros, o das atividades relativas ao fazer jornalístico. Quanto ao termo “gêneros do jornal” para indicar que se tratam apenas dos textos relativos ao jornal impresso. Segundo o autor o termo “gênero jornalístico” (no singular) conduz à aceção do tipo abstrato, calcado em alguma forma de classificação por propriedades. Para realizar a pesquisa Bonini afirma ter realizado levantamento dos gêneros citados na literatura teórica e profissional da área de comunicação e ressalta entre outros autores o trabalho Marques de Melo (1985; 1992).

jornalismo laboratorial que os mesmos exercitam todo o processo de produção da informação.

A pesquisa⁵ cujos resultados são apresentados nesta comunicação científica contribui para o debate dos gêneros e formação dos jornalistas brasileiros ao alcançar o objetivo principal de identificar o perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande com base nos gêneros jornalísticos.

A análise de conteúdo dessa pesquisa englobou referencial teórico das Ciências da Comunicação e Linguagem, a partir da classificação de gêneros jornalísticos propostas por José Marques de Melo que divide o jornalismo brasileiro nos gêneros: informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Estas cinco divisões englobam 22 formatos textuais, cujas definições serviram de parâmetro para a catalogação dos textos que formam o *corpus*. Os formatos que compõe a taxonomia de Marques de Melo são: nota, notícia, reportagem, entrevista, editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta, dossiê, perfil, enquete, cronologia, indicador, cotação, roteiro, serviço, história de interesse humano e história colorida.

1 JORNALISMO LABORATORIAL IMPRESSO E SUA PEDAGOGIA

O aprendizado dos estudantes de jornalismo acontece de forma eficiente com a articulação de teoria e prática e é no jornal-laboratório dos cursos de graduação na profissão que essa associação acontece de maneira viva. No exercício laboratorial se aprimoram as competências empregadas para a realização do jornalismo, entre elas o domínio dos gêneros textuais em seu formato jornalístico. “Aprender a fazer jornalismo é aprender a produzir gêneros jornalísticos”, afirma Seixas (2009). A autora acredita que o conhecimento mais profundo dos elementos que constituem os tipos frequentes de composições discursivas da atividade jornalística, pode implicar em um entendimento maior sobre a própria prática.

⁵ Esse artigo mostra alguns resultados da dissertação “O perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande” defendida pela autora no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens da UFMS em março de 2012.

Foi a partir de 1969, com a regulamentação da profissão de jornalista e a exigência do diploma de jornalismo para exercício profissional que os jornais-laboratórios ganharam força⁶. Conforme Vieira (2002) soma-se a esses fatores a pressão dos sindicatos de jornalistas para o fim dos estágios que davam aos estudantes oportunidade de se aperfeiçoar fora da universidade e imprimiam às disciplinas dos cursos uma característica mais discursiva. “Esse mecanismo não forçava os cursos a colocar o jornal-laboratório como meta essencial na formação profissional” (VIEIRA, 2002, p.71).

Em outubro de 1982, durante o VII Encontro de Jornalismo Regional sobre órgãos laboratoriais impressos, realizado na Faculdade de Comunicação de Santos, a Comissão de Conceituação definiu o conceito de jornal-laboratório:

O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional (LOPES, 1989, p. 50).

Em 20 anos de existência o jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande, formado por quatro jornais-laboratórios, distribuiu aos leitores aproximadamente 1,5 milhão de exemplares. Foi em setembro de 1990 que a primeira edição do jornal-laboratório *Projétil*, produzido pelos estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) foi distribuída.

Até o final do segundo semestre de 2010, o jornal *Projétil*, que tem formato tabloide alcançou 64 edições, com tiragem de cinco mil exemplares a cada uma delas, o que significa que em duas décadas possibilitando a prática na formação de estudantes de jornalismo, foram distribuídos cerca de 345 mil exemplares. Conforme Buranelo (2010), que entrevistou egressos do curso para reportagem comemorativa aos 20 anos

⁶Quase duas décadas antes havia surgido o primeiro jornal-laboratório brasileiro, dentro do primeiro curso de jornalismo do país, criado em 1947 na Cásper Líbero junto à Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento, da Fundação São Paulo, mantenedora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Segundo Lopes (2001) havia a preocupação com o treinamento técnico-profissional dos estudantes, por isso foi criado o jornal-laboratório *A Imprensa*. Nos 20 anos seguintes professores, profissionais e estudantes debateram a importância do jornal-laboratório no ensino de jornalismo. Em 1961 Luiz Beltrão implantou o Jornal-Cobaia na Universidade Católica de Pernambuco. Até que o decreto Lei 972, de 17 de Outubro de 1969, que regulamentou a profissão de jornalista exigiu a implantação de órgãos laboratoriais nas faculdades. Já em 1979, o projeto de Lei no 5.454/78 eliminou a obrigatoriedade de estágio o que forçou aos cursos de jornalismo a ampliarem a instalação das redações para atingir o preparo prático dos alunos.

do veículo, a primeira edição do jornal foi orientada pelos professores Edson Silva, Mario Ramires e Mauro Silveira, um ano após a primeira turma do curso de jornalismo da UFMS ter ingressado na Universidade. “Feito em máquinas de escrever e impresso em preto e branco o jornal concretizava um dos compromissos estabelecidos no projeto de criação do curso” (BURANELO, 2010, p. 3).

Egresso do curso e repórter das primeiras edições do jornal *Projétil*, Lúdio da Silva (citado por BURANELO, 2010) relembra que foi a união entre alunos e professores que possibilitou o sucesso do jornal-laboratório, caracterizado pela liberdade aos estudantes que exercitavam o jornalismo. “Abordar a realidade política e social com total isenção, sem se preocupar com amarras”, relembra (SILVA, *apud* BURANELO, 2010, p. 3). As características formativas do *Projétil* também são destacadas por estudantes que escreveram no jornal. “Você aprende como falar com a fonte, extrair dela aquilo que você quer ouvir” (MOREL *apud* BURANELO, 2010, p. 3), afirmou a jornalista Lúcia Morel, egressa do curso de Jornalismo da UFMS. Da mesma forma, a ex-acadêmica do curso, Neusa Pavão revela vantagens para os alunos durante a experiência no *Projétil*. “Você começa a se direcionar pra área que você gosta mais, econômica ou variedade. Alguns já descobrem sua aptidão para a fotografia, diagramação ou para o texto” (PAVÃO *apud* BURANELO, 2010, p. 3).

Em 1998 surgiu o segundo jornal-laboratório de Campo Grande, o *Unifolha*, produzido pela então Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal (Uniderp), hoje Anhanguera-Uniderp. Até o final de 2010 o jornal-laboratório, estava na edição número 86, com tiragem de cinco mil exemplares. Em 13 anos foram distribuídos cerca de 430 mil exemplares aos leitores. Professores e estudantes foram responsáveis por trabalhar as características visuais e de conteúdo do jornal-laboratório.

Brum (citado por ZANCANELLI *et al*, 2008, p. 16) dedicou-se à graduação em Jornalismo da Uniderp por pouco mais de dois anos, passou pelo corpo docente e pela coordenação do curso, e lembrou que desde seu surgimento, o *Unifolha* foi polêmico. “Foi um choque para a própria universidade. Causou bastante impacto ao nascer, por se tratar do *standard* e não de um tablóide (sic), formato que os jornais-laboratórios costumavam publicar” (BRUM *apud* ZANCANELLI *et al*, 2008, p. 16). O professor

explicou que a cada publicação, o chamavam à reitoria para questionar os “porquês” de veiculação de determinadas matérias. “Muitos docentes acreditavam que o jornal deveria servir para atender aos interesses da instituição, mas não era esse nosso objetivo. O jornal deveria servir para o exercício de um jornalismo isento e real” (BRUM *apud* ZANCANELLI *et al*, 2008, p. 16).

Em 2001 nasceu o jornal-laboratório *Folha Guaicuru*, como parte do projeto pedagógico da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande. Com periodicidade semestral, distribui mil exemplares a cada edição, tendo publicado até o final de 2010, 55 edições. Em nove anos de existência, a comunidade de leitores da Capital recebeu 55 mil exemplares do veículo que se destaca no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande como o mais laureado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação- Intercom.

Inicialmente, ainda segundo Bueno & Smith (2008), o jornal-laboratório foi formatado como um tabloide inglês e com uma diagramação tradicional, em 2004 a publicação mudou de tamanho (tabloide Germânico), adotando uma diagramação “com maior liberdade para criação artística, com fotos recortadas, gráficos e criatividade” (BUENO & SMITH, 2008, p.2). A proposta foi aprovada numa votação com os alunos e professores do curso, numa disputa com três modelos, sendo assinada pelo jornalista e professor Cleidson Lima. No ano de 2005 foi a vez de criar uma nova proposta editorial, com a adoção de uma página fixa para uma entrevista mensal, o Ping-Pong, e uma página dedicada aos ensaios fotográficos produzidos por alunos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda. Após um ano o *Folha Guaicuru* trocou o papel jornal para o branco.

O caçula no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande é o jornal-laboratório *Em Foco* que foi fundado em setembro de 2002 e é produzido por estudantes de jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Apesar de ter sido o último veículo laboratorial impresso a ser criado na Capital de Mato Grosso do Sul, foi o primeiro a alcançar 100 edições, sendo que até maio de 2011 estava na 140ª edição. Durante os primeiros cinco anos a tiragem foi de cinco mil exemplares, mas a partir de abril de 2008, devido a contenção de despesas por parte da instituição

universitária passou a ser de três mil. Desde sua criação, até o final do segundo semestre letivo de 2010 foram distribuídos aos leitores aproximadamente 700 mil exemplares. O jornal *Em Foco* é o que possui maior número de edições entre os quatro jornais-laboratório por ter permanecido durante todo o ano de 2006 e parte de 2007 com periodicidade semanal. Atualmente é entregue à população a cada 15 dias.

No quadro abaixo, um resumo sobre como está composto o jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande:

Quadro 1 - Composição do Jornalismo Laboratorial Impresso de Campo Grande

Jornal-laboratório	Descrição	Universidade	Tiragem	Edição	Mês/ano fundação
Projétil	Formato tabloide (20 páginas). Páginas impressas em papel jornal preto e branco e colorido. Periodicidade bimensal.	UFMS	5 mil Ano XX 345 mil	69 ^a	Setembro/ 1990
Unifolha	Formato standard (16 páginas) e tabloide (12 páginas). Impresso em papel jornal todo colorido. Periodicidade bimensal.	Anhanguera- Uniderp	5 mil Ano XIII 430 mil	86 ^a	Outubro/ 1998
Folha Guaicuru	Formato germânico (8 páginas). Impresso em papel branco, apenas com capa e contra-capas coloridas. Periodicidade semestral.	Estácio de Sá	1 mil Ano X 55 mil	55 ^a	... 2001
Em Foco	Formato standard (12 páginas) e tabloide (8 páginas). Impresso em papel jornal todo colorido. Periodicidade quinzenal.	UCDB	3 mil Ano IX 700 mil	140 ^a	Setembro/ 2002

Foram realizadas durante a pesquisa para a dissertação, 16 entrevistas com professores e alunos que participam do jornalismo laboratorial impresso, onde foi

possível descrever o processo didático-pedagógico utilizado entre outras particularidades do objeto de estudo.

O jornal-laboratório representa no ensino de jornalismo conforme a investigação, um espaço importante para o exercício dos gêneros jornalísticos, isto é, da atuação jornalística nos moldes pedagógicos. Os estudantes afirmaram que o jornalismo laboratorial impresso é o momento que têm para a experimentação da prática do jornalismo ainda na universidade o que possibilita mais segurança aos alunos em relação à sua formação. Para os docentes a questão da experimentação do fazer jornalístico é o essencial dessa ferramenta pedagógica.

Foi percebida a unidade do processo pedagógico de produção dos jornais-laboratórios na região. Mesmo em diferentes instituições universitárias os professores seguem o mesmo caminho na orientação pedagógica de apuração, redação e edição textual. Há um vínculo com as disciplinas ministradas pelos professores orientadores dos laboratórios e o texto publicado é uma avaliação. Reuniões de pauta acontecem no horário de aula e os temas são sugeridos em comum acordo entre professores e alunos. O prazo para apuração e redação do texto no jornalismo laboratorial impresso se estende entre duas semanas e um mês. A captação dos dados acontece em horário diferente das aulas, assim como a redação. Na edição do texto os alunos são atendidos separadamente pelos professores editores e raramente acontece ênfase pedagógica nos gêneros jornalísticos durante a edição das unidades de informação, pois, definidos na reunião de pauta, os formatos se apresentam de forma ajustada ao que já foi explicitado pelos docentes nas aulas teóricas.

Os estudantes confirmaram em questionamento direcionado, o estudo dos gêneros jornalísticos nas aulas teóricas por meio da classificação de José Marques de Melo, no entanto, mais da metade dos alunos, em questionamento aberto, não lembrou os nomes dos teóricos utilizados nas disciplinas para o ensino dos gêneros.

2 O PERFIL TEXTUAL DO JORNALISMO LABORATORIAL IMPRESSO DE CAMPO GRANDE

O perfil textual do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande após a análise de conteúdo identificou gêneros e formatos mais praticados pelos estudantes de jornalismo nos quatro jornais-laboratórios: *Projétil* (UFMS), *Unifolha* (Anhanguera-Uniderp), *Folha Guaicuru* (Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande) e *Em Foco* (UCDB).

No primeiro semestre de 2010, entre março a julho, os cursos de jornalismo publicaram 10 edições. Este foi o período temporal escolhido para a investigação. Das 132 páginas impressas foram catalogadas e analisadas todas as Unidades de Informação (UI), conforme proposta de mensuração de Violette Morin (1974). Somaram-se 199 UI, listadas que obedecem à classificação de Marques de Melo (2010) em uma base de dados elaborada no sistema *Sphinx Léxica*⁷ de pesquisa e análise estatística quantitativa e qualitativa.

As Unidades de Informação foram avaliadas em variáveis de forma: como a edição em que se encontrava, em qual jornal, em qual página e em que mês foi publicada. As variáveis de conteúdo relacionaram as UI sobre o gênero jornalístico da taxonomia de Marques de Melo a que se referiam e o formato, assim como se possuía complemento visual de foto, ilustração ou gráfico. As planilhas ainda davam lugar à temática abordada no texto e observações específicas. A base de dados permitia, também, cópia do texto jornalístico referente à UI analisada para as edições que foram disponibilizadas em formato digital.

a. Amostra de pesquisa

O jornal-laboratório que mais teve edições no período foi o *Em Foco* (quatro), sendo que os outros três jornais publicaram duas edições cada. A TAB.1 abaixo indica a distribuição das UI catalogadas por jornal-laboratório.

⁷O *Sphinx Léxica* contém recursos avançados que permitem investigar em profundidade entrevistas, discursos, livros, mensagens, etc., por meio de funções potentes de divisão do texto, de navegação por hipertexto, de indexação automática e de trechos repetidos. Os dados podem ser coletados por meio de pesquisas realizadas com o software ou então importando-se bases de dados já existentes. (SPNHIX LÉXICA ANÁLISE QUANTI-QUALI. Disponível em : <http://sphinxbrasil.com/portfolio/software/> . Acesso em 01 jan. 2012.

Tabela 1 - Quantidade de UI publicadas por jornal-laboratório

Jornal-laboratório	UI	%
Em Foco	72	36,2%
Unifolha	54	27,1%
Projétil	45	22,6%
Folha Guaicuru	28	14,1%
<i>Total</i>	<i>199</i>	<i>100%</i>

O *Em Foco* (UCDB) foi o veículo laboratorial que mais publicou UI, com 36,2%, seguido pelo jornal-laboratório produzido pelos estudantes da Anhanguera-Uniderp, o *Unifolha*, com 27,1%. O *Projétil* (UFMS) foi o terceiro em quantidade de publicação, com 22,6% de todas as unidades investigadas, à frente da *Folha Guaicuru*, onde alunos do curso de jornalismo da Faculdade Estácio de Sá publicaram 14,1% de toda a amostra analisada. A TAB. 1 mostrou essas porcentagens em números inteiros. O *Em Foco* publicou 72 UI, seguido pelo *Unifolha* com 54 unidades. Foram analisadas ainda as 45 unidades de informação publicadas pelo *Projétil* e outras 28, impressas no jornal-laboratório *Folha Guaicuru*.

2.1 Gêneros e formatos do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande

Cada um dos quatro jornais-laboratórios impressos de Campo Grande possui particularidades na sua intenção jornalística. A identidade textual dos jornais, mesmo partindo da premissa de que existe uma unidade no processo pedagógico e de produção, não é exata entre os veículos pesquisados, mas bastante próxima. Foi possível pontuar os diferenciais do texto de cada universidade. Tomadas em um conjunto, as unidades de informação analisadas puderam, com base nos gêneros propostos por Marques Melo, identificar o perfil geral do texto praticado pelos estudantes de jornalismo na Capital de Mato Grosso do Sul. Veja nas TAB. 2, 3 e 4:

Tabela 2 - Gêneros do Jornalismo laboratorial Impresso de Campo Grande

Gênero jornalístico	UI	%
Informativo	109	54,8%
Interpretativo	26	13,1%
Opinativo	18	9,0%
Diversional	16	8,0%
Utilitário	7	3,5%
Outros	23	11,6%
<i>Total</i>	<i>199</i>	<i>100%</i>

Tabela 3 - Formatos do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande

Formato	UI	%
Reportagem	100	50,3%
Enquete	17	8,5%
História Colorida	15	7,5%
Editorial	8	4,0%
Artigo	7	3,5%
Entrevista	6	3,0%
Roteiro	5	2,5%
Dossiê	5	2,5%
Perfil	4	2,0%
Serviço	2	1,0%
Notícia	2	1,0%
Crônica	1	0,5%
Resenha	1	0,5%
História de Interesse Humano	1	0,5%
Comentário	1	0,5%
Nota	1	0,5%
Outros	23	11,6%
<i>Total</i>	<i>199</i>	<i>100%</i>

Tabela 4 - Gêneros e formatos do jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande

	Informativo		Opinativo		Interpretativo		Utilitário		Diversional		Outros		Total	
	UI	%	UI	%	UI	%	UI	%	UI	%	UI	%	UI	%
Reportagem	100	91,7%	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	100	50,3%
Enquete	0	-	0	-	17	65,4%	0	-	0	-	0	-	17	8,5%
História Colorida	0	-	0	-	0	-	0	-	15	93,8%	0	-	15	7,5%
Editorial	0	-	8	44,4%	0	-	0	-	0	-	0	-	8	4,0%
Artigo	0	-	7	38,9%	0	-	0	-	0	-	0	-	7	3,5%
Entrevista	6	5,5%	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	6	3,0%
Dossiê	0	-	0	-	5	19,2%	0	-	0	-	0	-	5	2,5%
Roteiro	0	-	0	-	0	-	5	71,4%	0	-	0	-	5	2,5%
Perfil	0	-	0	-	4	15,4%	0	-	0	-	0	-	4	2,0%
Notícia	2	1,8%	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	2	1,0%
Serviço	0	-	0	-	0	-	2	28,6%	0	-	0	-	2	1,0%
Nota	1	0,9%	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	1	0,5%
Comentário	0	-	1	5,6%	0	-	0	-	0	-	0	-	1	0,5%
Resenha	0	-	1	5,6%	0	-	0	-	0	-	0	-	1	0,5%
Crônica	0	-	1	5,6%	0	-	0	-	0	-	0	-	1	0,5%
História de Interesse Humano	0	-	0	-	0	-	0	-	1	6,3%	0	-	1	0,5%
Outros	0	-	0	-	0	-	0	-	0	-	23	100,0%	23	11,6%
Total	109	100%	18	100%	26	100%	7	100%	16	100%	23	100%	199	100%

O jornalismo de informação ocupa mais da metade do texto produzido pelos estudantes de jornalismo em Campo Grande. O gênero informativo figurou em 54,8% das 199 Unidades de Informação pesquisadas. Em segundo lugar ficou o gênero

interpretativo (13,1%), seguido do opinativo (9,0%) e do diversional (8,0%). O gênero utilitário praticado apenas pelos estudantes da Faculdade Estácio de Sá em Campo Grande predominou em 3,5% das unidades mensuradas. Quanto aos gêneros identificados como “Outros” isto é, que não se enquadraram aos formatos definidos na taxonomia de Marques de Melo, a porcentagem foi de 11,6%. No entanto, elas são modalidades de texto bastante conhecidas na prática do jornalismo impresso e também já identificadas e descritas por autores da literatura sobre gêneros: chamadas, erratas e o expediente.

Pode-se entender que os estudantes exercitam em maior grau o gênero hegemônico no jornalismo, o informativo. Este é, conforme Costa (2010), o propósito mais trabalhado nos jornais regionais das cinco macrorregiões brasileiras e segundo Rezende & Rego (2010) figura como principal intento de dois jornais de prestígio, o Estado de São Paulo e Diário de São Paulo⁸.

Quando a comparação entre mercado de trabalho e academia se dá em relação aos propósitos trabalhados após a finalidade de informar, nota-se um conflito. Enquanto aprendem a fazer jornalismo, os estudantes exercitam um perfil textual muito mais interpretativo e ligado ao diversional que os profissionais em exercício. Conforme o estudo de Costa (2010), nos cinco jornais pesquisados, o segundo gênero mais trabalhado pelos jornalistas é o opinativo (14,4%), seguido pelo utilitário com presença de 12%. O jornalismo interpretativo configurou apenas 1,1% da prática no mercado e o diversional teve dado insignificante (0,1%) da investigação.

Os futuros jornalistas também se aplicam mais à prática de formatos diversos aos que profissionais se utilizam no mercado de trabalho. Conforme pode se observar na TAB. 4 acima. Diferente dos jornais comerciais, que conforme Costa (2010) têm a notícia com (37%) e a nota (12%) como os principais formatos do texto publicado, os estudantes voltam sua prática para a reportagem, que significou metade de todas as unidades de informação publicadas no período da pesquisa.

⁸ Conforme as pesquisadoras (REZENDE E REGO, 2010, p: 179) , “Em ambos a informação vai ser privilegiada, ocupando aproximadamente 70% no Diário e 78% no Estadão”.

Dos 22 formatos que fazem parte da classificação de Marques de Melo, 16 foram praticados pelos estudantes de jornalismo de Campo Grande. O gênero interpretativo, no formato enquete foi o segundo mais utilizado, com 15,1% das unidades pesquisadas. No terceiro lugar desse *ranking* ficou a história colorida (7,5%). Mais próximos na quantidade de publicação figuraram o editorial (4,0%), artigo (3,5%) e a entrevista (3,0%). Também foram exercitados o formato dossiê (2,5%), roteiro, (2,5%), perfil (2,0%), notícia (1,0%), roteiro (1,0%) crônica (0,5%), resenha (0,5%), história de interesse humano (0,5%), comentário (0,5%) e nota (0,5%).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos gêneros jornalísticos e seus respectivos formatos mais publicados no jornalismo laboratorial impresso de Campo Grande permitiu a identificação do perfil textual do mesmo, principal objetivo dessa pesquisa. Conforme os dados mensurados, foi possível verificar que a comunidade discursiva que recebeu os 34 mil exemplares impressos no período investigado se apropriou de textos com predominância do gênero informativo *reportagem*, portanto recebeu uma abordagem aprofundada e contextualizada dos temas informados. A diversidade de gêneros praticados pelos futuros jornalistas permitiu que os leitores do suporte recebessem ainda uma produção textual analítica, opinativa, de entretenimento e utilidade.

Como mostrou a análise dos resultados, o gênero informativo figurou em 54,8% das 199 unidades de informação mensuradas, o que revela que o jornalismo de informação ocupa mais da metade do texto produzido pelos estudantes. Os números quantificados apontaram também a principal característica desse jeito laboratorial de informar. Das 109 unidades de informação que se encaixaram no gênero informativo, 100, ou 91,7% foram catalogadas como *reportagens*. Isso leva à conclusão de que o texto veiculado pelos jornais-laboratórios analisados tem a intenção de informar, mas de maneira não factual, optando pelo aprofundamento e liberdade de narrativa em relação à objetividade pregada pela técnica da pirâmide invertida.

Outro ponto importante no perfil textual do laboratório impresso investigado é a pluralidade do exercício dos gêneros jornalísticos. Na amostra foram catalogadas unidades de informação que se enquadraram nos cinco gêneros que segundo Marques

de Melo (2010) são praticados no jornalismo brasileiro. A mensuração mostrou que 13,1% do texto dos futuros jornalistas têm a intenção de interpretar a realidade para o leitor, outros 9,0% mostram a versão dos alunos de jornalismo para os fatos, isto é, apresentam característica opinativa, enquanto outros 8,0% da fatia textual possuem o propósito de entreter ou divertir. Mesmo mais restrita, a intenção de trazer uma informação utilitária ao leitor também foi encontrada, pois 3,5% das unidades mensuradas se encaixaram no gênero jornalístico utilitário.

Essa identificação textual conduz a considerações sobre o ensino de jornalismo, principalmente em relação ao objeto desse estudo: o jornalismo laboratorial impresso. O perfil textual com predominância da reportagem verificado na quantificação das unidades de informação já havia sido apontado por professores e estudantes durante as entrevistas. Pode-se concluir que os produtores do jornalismo laboratorial têm consciência da disparidade entre o formato de texto exercitado no período de formação profissional em relação ao mercado de trabalho. É importante lembrar que conforme pesquisa de Costa (2010) em jornais impressos das cinco macrorregiões do país o jornalismo informativo foi predominante em 56,4% dos textos, mas com fartura dos formatos factuais da *notícia* (37%) e da *nota* (12%). A *reportagem* é o terceiro formato mais trabalhado pelos jornalistas profissionais, em 5,7% de seus textos, porcentagem díspare em relação aos 50,3% do texto trabalhado no formato *reportagem* durante a universidade.

Os números desse estudo mostraram que o texto produzido na academia também possui um diferencial interpretativo e diversional em relação à identidade textual do jornalismo executado no mercado de trabalho. Costa (2010) afirma que o jornalismo interpretativo é pouco praticado e o diversional “insignificante” nos jornais regionais pesquisados por ele no país.

Se no jornalismo laboratorial impresso os estudantes dedicam 13,1% do seu texto publicado para os formatos textuais da interpretação da realidade e outros 8,0% para os do gênero diversional, deixando de lado o exercício dos formatos mais praticados pelos jornalistas nas redações há o perigo de chegarem ao mercado profissional despreparados?

Os alunos de jornalismo acreditam na adaptação, pois aprendem uma narrativa textual mais complexa do que terão que executar. Os professores comungam dessa opinião e creem também na possibilidade dos alunos que exercitaram esses formatos de gêneros mais aprofundados influenciarem positivamente o perfil textual factual e objetivo em excesso dos veículos comerciais.

Como foi constatado, há o foco de exercício textual no gênero hegemônico do jornalismo, o informativo, em um formato mais aprofundado de relato do real, a *reportagem*. Isso acontece devido a fatores estruturais e de periodicidade dos jornais-laboratórios. Os alunos não podem treinar, exercitar o jornalismo informativo factual, pois os veículos não são publicados diariamente e não há oferecimento de meios de transporte que levem os estudantes até os locais onde os fatos acontecem. Por esses e outros fatores, o treinamento dos formatos factuais de relatos não existe no jornalismo laboratorial impresso estudado. Mesmo com exercícios dos formatos textuais da pirâmide invertida acontecendo, segundo os professores entrevistados, em outros momentos da disciplina, muitos jornalistas só vivenciarão a rotina de apuração, redação e edição de textos jornalísticos factuais, no formato de *notícia* e *nota*, quando chegarem ao mercado de trabalho.

A limitação pedagógica no treinamento dos conhecimentos teóricos sobre os formatos factuais do gênero informativo na prática laboratorial é conhecida pelos produtores de texto pesquisados e, de certo modo, responsável pela experimentação de outros formatos de gêneros. Como vimos, os futuros jornalistas apresentam textos informativos na maioria de suas publicações, mas não deixam de exercitar os demais propósitos do jornalismo brasileiro conforme a taxonomia de Marques de Melo (2010). As narrativas verificadas com características mais aprofundadas, ampliadas, contextualizadas e criativas na estrutura textual em relação ao jeito piramidal invertido do jornalismo, podem ser alternativas encontradas para superar os limites estruturais e de periodicidade dos jornais-laboratórios. De qualquer forma, para os docentes e discentes esse perfil textual é mais rico e complexo, portanto, deve ser realmente mais exercitado que a fórmula da pirâmide.

O conceito apresentado por Lopes (1989) indica que no jornal-laboratório deve ocorrer “experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica”. Identificamos que os estudantes aprendem por meio do padrão dos gêneros jornalísticos e praticam textos que se enquadram na funcional classificação brasileira de José de Marques de Melo para os mesmos, com exceção de poucos formatos não inclusos na taxonomia do autor e verificados no *corpus* de pesquisa. Podemos dizer então que não há inovação nas formas de linguagem textuais escritas pelos alunos.

Mas a palavra “experimentação” toma sentido positivo quando fazemos a comparação do perfil textual dos jornais-laboratórios impressos pesquisados com o texto praticado nos veículos comerciais. Os universitários estão aprendendo todos os gêneros do jornalismo impresso brasileiro, inclusive o interpretativo e diversional, que quase nunca, segundo pesquisas de Costa (2010) são praticados pelos profissionais em exercício. Esse teste no jornalismo laboratorial impresso de um texto aprofundado, analítico, criativo e utilitário vem de encontro à transformação textual e de propósitos que a mídia impressa diária discute, após a instantaneidade dos veículos eletrônicos, como o jornalismo da Internet. Nossos estudantes estão sendo capacitados nos veículos laboratoriais e praticam um texto com peculiaridades que futuramente pode salvar o jornalismo impresso diário da extinção.

Referências

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In. GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir Mário; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 57-71.

BUENO & SMITH. Folha Guaicuru. In: X CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO CENTRO-OESTE, 2008, Dourados, MS. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2008/expocom/EX11-0089-1.pdf>. Acesso em 03 de Mai de 2010.

BURANELO, Susan. Livre, leve e valendo nota. **Jornal-laboratório do curso de jornalismo da UFMS Projétel, Campo Grande**, Outubro, 2010. No 68. p 3-4. Disponível em: <http://jornalismoufms.files.wordpress.com/2011/03/projetil-68.pdf>. Acesso em 01 de Mai de 2011.

COSTA, Lailton Alves. Gêneros Jornalísticos. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) .**Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.p.43-83.

HERSCOVITZ, Heloiza G. Análise de Conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs.) – 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção Fazer Jornalismo). p.123-142.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. 1. Ed. São Paulo: Summus, 1989.

_____. **Para uma pedagogia do jornal-laboratório**. Santos: Universidade Católica de Santos, 2001.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros Jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: ASSIS, F. (Org.) ; MARQUES DE MELO, J. (Org.) .**Gêneros jornalísticos no Brasil**. 1. ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.p. 23-41.

_____.**Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. Ed. Ver. eampl.- Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p.238.

_____. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. Prefácio. In: **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. Dirceu Fernandes Lopes. São Paulo, Summus, 1989.

MORIN, Violette.**Tratamiento periodístico de la información**. Barcelona: A.T.E., 1974.

OLIVEIRA, Delianeet *al*.**Histórias do mercado de trabalho jornalístico de Campo Grande**.2006. 168 f.Monografia (Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo)- Curso de Comunicação Social Habilitação em Jornalismo, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Série : Estudos em comunicação. Covilhão: Livros LabCom, 2009 .
Disponível em:<http://www.livroslabcom.ubi.pt/sinopse/seixas-classificacao-2009.html>.
Acesso em: 10 Jun. 2010. ISBN: 978-989-654-028-9. 450 p.

SPNHIX LÉXICA ANÁLISE QUANTI-QUALI. Disponível em :
<http://sphinxbrasil.com/portfolio/software/> . Acesso em 01 jan. 2012.

VIEIRA, Antônio Júnior. **Uma pedagogia para o Jornal-Laboratório**. Orientador: Dirceu Fernandes Lopes. 2002.f. 259. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/17272445/VIEIRA-Jr-Uma-pedagogia-para-o-jornallaboratorio>. Acesso em: 9 de Jun. 2010.

ZANCANELLI *et al.* Eron Brum e os 10 anos de história do Unifolha. **Unifolha- jornal-laboratório do curso de jornalismo da Uniderp**, Campo Grande, Dezembro, 2008. No 78. p. 16. Disponível em: http://ww2.unifolha.com.br/manager/foto/jornal_pdf/jornal_pdf03022009091456.pdf. Acesso em 05 de Mai de 2011.

Corpus:

EM FOCO – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Março. 2010. Edição N. 129, ANO IX.

EM FOCO – Jornal- laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Março. 2010. Edição N. 130, ANO IX.

EM FOCO – Jornal- laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Maio. 2010. Edição N. 131, ANO IX.

EM FOCO – Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande, Junho. 2010. Edição N. 132, ANO IX.

FOLHA GUAICURU- Jornal-Laboratório do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande. Campo Grande, Março. 2010. Edição Nº 54, ANO 7.

FOLHA GUAICURU- Jornal-Laboratório do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande. Campo Grande, Maio. 2010. Edição Nº 55, ANO 7.

PROJÉTIL- Jornal-laboratório do curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Julho. 2010. Edição Nº 66, ANO 20.

PROJÉTIL- Jornal-laboratório do curso de jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, Julho. 2010. Edição Nº 67, ANO 20.

UNIFOLHA – Jornal-laboratório do curso de jornalismo da Anhanguera/Uniderp. Campo Grande, Março. 2010. Edição N. 84, ANO XII.

UNIFOLHA – Jornal-laboratório do curso de jornalismo da Anhanguera/Uniderp. Campo Grande, Junho. 2010. Edição N. 85, ANO XII.